

## GIORDANO BRUNO CRÍTICA AO GEOCENTRISMO E DEFESA UNIVERSO INFINITO

Ideusa Celestino Lopes\*

### **RESUMO:**

Giordano Bruno (1543-1600) pensador italiano que discute na segunda metade do século XVI a validade da cosmologia vigente, apoiada no modelo aristotélico-ptolomaico. A crítica, inicialmente, fundamenta-se nas idéias de Nicolau Copérnico (apresentadas na obra *Revolutionibus* publicada em 1543). A tese heliocêntrica copernicana permanece com elementos da cosmologia aristotélica como a noção de um universo finito. Bruno diferentemente de Copérnico faz uma distinção entre mundo e universo e defende a idéia de um universo infinito e a existência de inumeráveis mundos, elementos esses que irão compor a sua própria cosmologia. A temática é apresentada em especial em duas obras: *La Cena de le Ceneri* e *Sobre o Infinito, o Universo e os Mundos*.

**Palavras-chave:** universo, mundo, infinito.

Giordano Bruno é um pensador italiano do século XVI, da segunda metade do século, 1548-1600. Nasceu numa cidade chamada Nola, província de Nápoles, faz referência em alguns dos seus textos à cidade natal, como sendo um nolano. Giordano não é seu nome de batismo, chamava-se Filippo Bruno; quando entrou para a ordem dominicana em 1565 adotou o nome de Giordano. Em 1576, foge da Ordem, são encontradas obras consideradas proibidas em seu poder, como as de Erasmo da Rotterdã; além disto é acusado de haver lançado dúvidas sobre a Trindade, é aberto processo de ex-comunhão. Inicia um exílio que se estende até o ano de 1592 quando retorna à Itália, para Veneza. É denunciado e preso pelas autoridades eclesiásticas e extraditado para Roma, conduzido à cadeia do Santo Ofício. Aos 20 de janeiro de 1600, saiu a sentença que o declarou herético “impenitente”, “pertinace” e “obstinado” e o condena ao braço secular. No dia 17 de fevereiro, do mesmo ano, a sentença é executada na praça Campo del Fiore, em Roma: queimado vivo, nu, com a língua presa por uma morsa de madeira.

O nosso projeto de tese de doutorado tem como tema *A cosmologia bruniana como fundamento de uma nova ordem social*. Esta temática nos leva para dois movimentos no

---

\* Professora da Universidade Estadual Vale do Acaraú; Aluna do Doutorado Integrado em Filosofia (UFPB/UFPE/UFRN).  
E-mail: [ideusalopes@yahoo.com.br](mailto:ideusalopes@yahoo.com.br)

pensamento de Giordano Bruno: a cosmologia e uma reforma dos valores morais. Pretendemos estabelecer uma conexão entre a discussão cosmológica, que é a primeira apresentada na ordem cronológica da publicação das suas obras<sup>10</sup>, e a preocupação com a crise dos valores morais que assolava a Europa do século XVI.

Apesar da urgência da temática social, em detrimento da cosmológica, Bruno faz uma inversão, ao tratar primeiramente da dimensão física do mundo; em 1584 publica duas obras: *Cena de le ceneri*, na qual faz uma defesa da tese heliocêntrica de Copérnico; no texto, *Sobre o infinito, o universo e os mundos*, apresenta a tese do universo como sendo infinito e os mundos inumeráveis. É sobre esta temática que desenvolveremos nossa comunicação, o problema cosmológico.

As idéias de Bruno se confrontam com o modelo cosmológico vigente, o modelo aristotélico-ptolomaico, denominado de geocentrismo. Na crítica ao geocentrismo, Bruno, apóia-se inicialmente em Nicolau Copérnico<sup>11</sup> para estabelecer um debate com Aristóteles e os aristotélicos. No século XVI a principal referência ao geocentrismo são Aristóteles e Ptomoleu, denominada de tese aristotélica-ptolomaica, segundo a qual o universo tem a seguinte conformação: a Terra no centro do universo, imóvel; o mundo é dividido em duas regiões: sublunar, no qual o movimento existente é o retilíneo, para cima a partir do centro e para baixo em direção ao centro. Na região lunar ou celeste, o movimento é eterno e natural, no qual o Sol e os outros planetas desenvolvem uma trajetória circular, mais perfeito dos deslocamentos por não ter início nem fim, em torno da Terra. Existem oito esferas, na qual os planetas desenvolvem as suas trajetórias. Na última esfera, denominada de oitava esfera, estão as estrelas que são fixas no firmamento, elas não desenvolvem nenhum movimento, seja circular ou retilíneo. O mundo assim descrito é finito, conhece-se todos os elementos que o compõe e que tipo de trajetórias desenvolvem. Como o universo ou o mundo é finito, não há do que se falar em elementos que estão depois da última esfera, da oitava esfera. Esta é a representação do universo que é aceita no século XVI e adentrará o século XVII: fechado, esférico, finito, composto de esferas cristalinas concêntricas, girando eternamente ao redor da terra imóvel.

A teoria heliocêntrica de Nicolau Copérnico, tem como traço inovador o fato do Sol estar no centro do universo e a Terra perfaz, com os outros planetas um movimento em torno

---

<sup>10</sup> Bruno nos legou uma vasta lista de publicações. Em italiano publicou seis diálogos e uma peça teatral, *Candelaio*. Em 1584 são publicados: *La cena de le Ceneri*; *De la causa, principio et uno*; *Spaccio della bestia trionfante*, *Candelaio e Sobre o Infinito*, universo e os mundos. *Cabala del cavallo pegaseo* e *De gli eroici furori*, são publicadas no ano seguinte, 1585. Estas obras foram publicadas na Inglaterra, mas foram escritas e publicadas em italiano, tendo como editor John Charlwood. O restante da sua produção é composta por obras escritas em latim.

<sup>11</sup> A tese do heliocentrismo é apresentada na obra *De revolutionibus* publicada em 1543 em Nuremberg.

do Sol. Mas Bruno não adere incondicionalmente ao modelo copernicano, apesar de ter sido um dos primeiros pensadores a fazer a defesa da teoria copernicana, a escrever e publicar sobre este tema. Na obra *Cena de le Ceneri* faz uma referência explícita de admiração por Copérnico: “Ele (Copérnico) tinha um espírito grande, elaborado, diligente e maduro; ... um homem que, no que diz respeito à capacidade natural de pensar, foi muito superior a Ptolomeu, Hiparco, Eudoxo e todos os outros que seguiram os caminhos traçados por estes”<sup>12</sup> (Bruno, 2007, p. 448). Mas para Bruno, Copérnico permanece utilizando vocabulário aristotélico-ptolomaico, quando permanece num universo fechado, finito.

A inserção de Copérnico na discussão cosmológica bruniana se justifica pelo rigor com que o astrônomo, através dos argumentos geométricos e matemáticos, simplificados, apresenta o movimento rotacional da Terra em torno do Sol. Este é um ponto de ruptura com a tradição aristotélica-ptolomaica, que defende a Terra no centro do Universo. A abordagem copernicana representou o primeiro momento de ruptura com o geocentrismo; o heliocentrismo ganhou destaque somente no século seguinte com as reflexões de Kepler e Galileu Galilei, que resultaram numa nova abordagem e num novo ramo do saber, a ciência moderna.

A ruptura provocada por Copérnico bem como o posterior desenvolvimento da ciência moderna, teve como consequência a distinção entre ciência e filosofia. Mas no século XVI estas questões ainda não estavam em pauta, a ciência moderna estava surgindo, a questão em foco era a separação entre filosofia e teologia. Este é o ponto sobre o qual Bruno se debruça. Os teólogos não deve se ocupar em descrever a natureza, os seus elementos, os movimentos que descrevem. A Sagrada Escritura, a Bíblia, é um livro sobre comportamento moral, não é um livro sobre a conformação da natureza. No quarto diálogo da *Cena* nos diz: “os livros divinos a serviço do nosso intelecto, não tratam de demonstrações e especulações sobre as coisas naturais, como se fosse filosofia: mas tratam de leis e práticas a cerca das ações morais”<sup>13</sup> (Bruno, 2007, p. 522). Bruno está preocupado com a relação que se estabeleceu entre a filosofia e a teologia, a filosofia se submeteu aos desígnos teológicos, perdendo a sua força criadora. A teologia cristã estava intrinsicamente ligada à concepção de universo fechado, estático, geocêntrico, ao modelo aristotélico-ptolomaico.

Ao aderir ao heliocentrismo, Bruno, pretende propor a criação de um novo início, de

---

<sup>12</sup> Cf. Cena p. 448: “Lui avea um grave, elaborato, sollecito e maturo ingegno ... uomo che quanto al giudizio naturale è stato molto superiore a Tolomeo, Ipparco, Eudoxo, e tutti gli altri ch’han caminato appo i vestigii di questi” .

<sup>13</sup> Cena, p. 522: “nelli divini libri in servizio del nostro intelletto non si trattano le dimostrazioni e speculazioni circa le cose naturali, como se fusse filosofia: ma in grazia de la nostra mente et affeto, per le leggi si ordina la pratica circa le azzione morali”

uma nova cosmologia, capaz de destruir as correntes do geocentrismo, sobre a qual se apóia a sociedade da segunda metade do século XVI, que está em crise. Copérnico está apresentando, através de cálculos matemáticos, de observações, o que há muito já se falava, que a terra está em movimento<sup>14</sup>. Mas os antigos dizem mais: falam que o universo é infinito e que há inumeráveis mundos, igual ao nosso no universo. Esta idéia seduz Bruno, idéia de um universo infinito e povoado de inumeráveis mundos, e povoado de inumeráveis espécies. Para Bruno o nosso planeta não é o único no universo a ter vida, mas os outros mundos também são povoados. Esta tese é apresentada no terceiro diálogo da obra *Sobre o Infinito*: “que, assim como esta Terra, o Sol e os outros astros são também habitados”<sup>15</sup> (Bruno, 2007, p. 522).

Na obra *Cena de le ceneri* Bruno anuncia a discussão cosmológica, mas ela será tratada extensivamente na obra *Sobre o Infinito, Universo e os Mundos*. Nela Bruno faz uma distinção entre mundo e universo, entre universo infinito e mundos finitos. O mundo é finito, composto de planetas, de satélites (Sol e Lua). Mas quantos mundos existem no universo não se sabe, são inumeráveis. Para Bruno toda esta discussão se dá no âmbito filosófico; o ambiente no qual estava Copérnico ao fazer suas afirmações sobre o universo, é o ambiente matemático, do cálculo, da observação, dos fenômenos, não permitia uma crítica ao modelo vigente, ao modelo aristotélico. A matemática não tem condições de fazer sozinha esta tarefa. Somente no ambiente filosófico é possível realizar esta tarefa. Bruno não se considera um cientista, um teólogo, mas um filósofo. Somente um filósofo é capaz de ver mais longe que um matemático, que um teólogo. A matemática para Bruno é limitada, preciso ir além da matemática. A ciência experimental nascente, a ciência dos astrônomos, não conseguem avançar sem a filosofia, pois se limitam à observação dos objetos e ao cálculo matemático, não podendo fazer afirmações que extrapolem tais fenômenos; a filosofia pode interpretar o saber da astronomia, abranger o todo dos fenômenos para compreendê-lo. Segundo Bruno, ele não via pelos olhos nem de Copérnico nem de Ptolomeu, mas pelos seus próprios quanto ao juízo e a determinação. O filósofo é como um “intérprete que traduz de um idioma a um outro as palavras”<sup>16</sup> (Bruno, 2007, p.447).

No seu projeto de crítica ao modelo cosmológico vigente, Bruno acolhe alguns elementos da teoria copernicana, a idéia de que a Terra está em movimento e o Sol no centro do mundo é fascinante. Então, o primeiro passo nesse rompimento com a teoria vigente, é a

---

<sup>14</sup> Niceta de Siracusa considerava a Terra como o único corpo móvel do universo; Eraclide Pontico, o Sol era ao centro e em movimento entre Vênus e Mercúrio.

<sup>15</sup> Cena, p. 507: “che, al pari della terra, sole ed astri sono abitati”.

<sup>16</sup> Cena, p. 447: “interpreti che traducono da uno idioma a l’altro le paroli”.

sua adesão à teoria copernicana, que tem como suporte o ambiente matemático<sup>17</sup>, que possibilita uma discussão fora da dimensão teológica, um discurso fundado na observação dos fenômenos naturais, que se repetem e pode ser constatado por qualquer observador. Então, pela observação dos astros, através do estudo da trajetória que desenvolvem é possível perceber com exatidão como o universo se comporta. Para Bruno o discurso dos aristotélicos não conseguem representar de modo preciso o modo como a natureza está organizada, quais os elementos que a compõe, como se relacionam entre si. Ao afirmar que o universo é finito, que é único, que está imóvel, subverte a própria natureza, como se descrevesse outro mundo no qual não estamos inseridos, mundo à parte.

A defesa da infinitude do universo coloca em questão teses aristotélicas apoiadas numa longa tradição. O ambiente intelectual da época, segunda metade do século XVI, seja na Inglaterra ou na França, ainda era dominado pela Igreja católica e pelos doutores das academias, que defendiam o universo finito, estes eram ambientes predominantemente aristotélicos. Bruno se apresenta como crítico destas idéias estabelecidas e aceitas pela grande maioria dos intelectuais.

A idéia de que o mundo tem uma outra conformação: que o Sol está no centro imóvel e a Terra gira em torno do Sol, leva Bruno a confrontar a tese da finitude, que é mantida por Copérnico. Neste ponto Bruno se afasta da teoria copernicana, propõe então que o universo seja infinito e povoado de inumeráveis mundo. O primeiro movimento desta crítica é feita pelo Nolano quando pergunta onde está o mundo e o que está para além do mundo, fora do mundo.

O que há para além do mundo? Para Aristóteles o vácuo e o nada não existem, porque são identificados como ausência de matéria, não é possível falar de algo que não tem matéria. Segundo Bruno, para Aristóteles “fora do mundo há um ente intelectual e divino, de sorte que Deus venha a ser lugar de todas as coisas” (Bruno, 1978, p.16). Neste sentido, Aristóteles “se encontrará em muita dificuldade para fazer entender como uma coisa incorpórea, inteligente e sem dimensões possa ser o lugar duma coisa dimensionada” (Bruno, 1978, p.16).

Bruno argumenta que quando se pensa que fora do mundo está Deus, mesmo assim não se responde “à questão do estar fora nem à pergunta daquilo que se encontra além e fora do universo” (Bruno, 1978, p.16). Se o mundo é finito, então, deve ter algo fora do mundo e

---

<sup>17</sup> Mas a adesão ao modelo matemático copernicano não é levado ao extremo, para Bruno a matemática está apoiada em regras que impedem a compreensão do todo. Mas os intelectuais dos séculos XVI e XVII se apoiaram na idéia de que a natureza era escrita em linguagem matemática, era possível desvendar os seus mistérios a partir de instrumentos e métodos precisos.

ele deve estar em algum lugar. É nesta direção que Bruno discute a noção de finitude: “porque tudo o que se diz terminar (portanto finito) ou é forma exterior ou é corpo continente” (Bruno, 1978, p.16).

Ao aceitar que o universo é finito, que tem uma dimensão, então ele deve estar em algum lugar. A questão levantada por Bruno é acerca da definição de lugar para Aristóteles, pois a definiu como sendo “uma superfície (limite) do corpo continente” (Bruno, 1978, p.17), mas para Aristóteles além da superfície convexa do céu não há nada, não está contido em nenhum lugar, mas contém todos os elementos da região supra-lunar. Este é o problema para Bruno, se o mundo tem um limite, tem uma superfície, então deve estar em algum lugar.

Pois se o mundo é limitado por uma superfície convexa, neste sentido somos um corpo, temos uma forma, mas segundo Aristóteles é um corpo que contém mas não é contido. Para Bruno, “parece-me ridículo afirmar que além do céu não exista nada, e que o céu exista por si mesmo” (Bruno, 1978, p.17). A pergunta de Bruno é sobre o que existe além das estrelas fixas. Os Aristotélicos não vão conseguir responder a esta questão, para eles não há a questão<sup>18</sup>.

Segundo Bruno a noção de mundo finito provoca a questão sobre o que está para além do mundo, fora do mundo, enfim, onde está o mundo. Apresenta então a idéia de um espaço infinito e esta idéia está em harmonia com os nossos sentidos, ou seja, segundo o “nosso modo de ver e a nossa experiência, o universo não acaba, nem termina no vácuo (...) a experiência é contrária ao vácuo e não ao pleno” (Bruno, 1978, p.18). Aqui temos então o recurso aos sentidos, ele é o primeiro acesso à verdade. Não vemos o pleno com os sentidos, mas o vazio é contrário aos sentidos, não estar em lugar algum é contrário aos sentidos. A idéia de que estamos em algum lugar, que há um espaço infinito além do céu é mais lógico do que pensar no vácuo, no nada, pensar num dardo, ou numa mão, se chocando com o nada, com a finitude, com a oitava esfera. Bruno retoma a defesa dos sentidos como sendo primeiro acesso à verdade, ou seja, “a verdade, em pequena parte, brota desse fraco princípio que são os sentidos, mas não reside neles” (Bruno, 1978, p.16). Os sentidos indicam a dificuldade de demonstrar que o universo é finito. Os sentidos são usados como referência para a construção de analogias, quando um fenômeno nos aparece de modo evidente, e o

---

<sup>18</sup> Nesta discussão sobre a finitude do mundo Bruno faz referência ao poema *rerum natura* de Lucrezio, (98 a 55 a.c), fazendo alusão a idéia do lançamento de um dardo bem próximo do espaço que se define como sendo o fim do mundo, o que aconteceria com sua trajetória: ficaria preso no firmamento ou continua o seu percurso sem ser interrompido. Difícil que alguém imaginasse o dardo ou qualquer coisa presa ou pendurada no firmamento. Bruno utiliza o exemplo da mão, falando Búrquio, “se alguém estendesse a mão além daquele convexo, ela não estaria num lugar, nem em parte alguma, e conseqüentemente não existiria” (Bruno, 1978, p.17).

silogismo o contradiz; quando há mais lógica nos nossos sentidos do que na formulação teórica. Segundo Neuser,

Bruno consegue obter também os conceitos das coisas infinitas intermediadas pelos sentidos. Para mim, este ponto é de máxima importância. Bruno alcança, portanto, os conceitos do infinito por meio da analogia. A analogia consiste na comparação entre uma coisa finita e uma configuração infinita (Neuser, 1995, p. 46).

Assim como da natureza se faz afirmações imprecisas, como é o caso da descrição de um universo finito; também há incongruências na idéia de um ser supremo, criador, onipotente, onisciente, ilimitado, mas tudo o que criou é finito, limitado. Mais uma vez Bruno faz uso da experiência, da observação, do uso dos sentidos para se opor a idéia de um ser ilimitado que cria o limitado. A própria existência do nosso mundo, criado por esse ser infinito, nos permite, falar de inumeráveis mundos, pois não faz sentido que o infinito crie o finito, limitado, como então “pretendemos afirmar que a divina bondade, que pode se comunicar às coisas infinitas e difundir-se infinitamente, prefira ser escassa e limitar-se a um nada, admitindo que toda coisa finita é um nada em relação ao infinito?” (Bruno, 1978, p. 20). Um ponto usado por Bruno para fundamentar a tese de um universo infinito se apóia na idéia de um ser supremo, divindade, que tudo criou, que é ilimitada, capaz de criar o infinito, Bruno indaga como a divindade se conformaria em criar o finito. Esta divindade ganha nova dimensão no pensamento do Bruno. A divindade ao invés de ser pensada como estando fora do mundo, é pensada por Bruno como estando no mundo, nas suas obras.

Nesta discussão entre os mundos finitos e o universo infinito, Bruno estabelece uma relação entre o macrocosmo e o microcosmo. Quando se entende o macro se compreende o micro, pois o microcosmo é um reflexo do macrocosmo. A preocupação de Bruno não é com a conformação astronômica do universo, astronomicamente, mas entender como ela funciona é imprescindível para conhecer e entender o que somos e resgatar a interação entre o macrocosmo e o microcosmo<sup>19</sup>. A interação foi perdida quando se fragmentou a compreensão do todo em partes, em que há a predominância de uma sobre a outra. Quando a idéia de uma

---

<sup>19</sup> Em certos aspectos é possível fazer uma ligação entre o projeto de Bruno, principalmente na obra *Sobre o Infinito e o Timeu*, de Platão. Ambos estão preocupados com os rumos da sociedade de seu tempo, ambos recuam ou se afastam do ambiente social, da crise na qual a sociedade está mergulhada, para uma discussão sobre o âmbito cosmológico. De perspectivas diferentes, ambos fazem este movimento de distanciamento.

divindade que cria o mundo e se afasta dele, ganha força, esses são momentos que propiciaram a desintegração do todo. O todo compreendido como fechado, limitado, finito, para Bruno, isso não é totalidade é fragmentação.

Apesar da discussão cosmológica ainda não estar em crise, com a intensidade que vai se apresentar a partir do século XVII, com Galileu Galilei; Bruno antecipa o debate, ao colocá-la como ponto de partida, dos temas tratados em suas primeiras publicações. A crise social, religiosa era muito mais premente, mas como resolve-la? Utilizando o mesmo discurso e a mesma compreensão de mundo sobre a qual se apóia? Não resolveria a crise. Por isso entendemos o afastamento de Bruno da crise social na qual está inserido, que era iminente, para a cosmológica. Neste ambiente, é possível apresentar uma nova abordagem sobre como o mundo físico está organizado, outra conformação; totalmente oposta ao que a sociedade em crise tem como modelo vigente: seja os protestantes ou os católicos. É uma compreensão que se apóia em argumentos matemáticos, como os de Copérnico, mas também se vincula a uma nova concepção metafísica. Segundo Bombassaro, “o universo infinito é o espelho de um Deus único que, desde dentro, opera e comanda todas as coisas” (Bombassaro, 2007, p.37). É uma crítica também a idéia de um Deus que está fora do mundo, que precisa de mediadores para falar, para se comunicar com a sua criação. Para Bruno toda a criação, seja dos grandes animais, como os astros, ao menor ou mesmo invisível ser vivo há uma participação da bondade divina. Então, não há como um ser melhor do que outro, todos participam igualmente do mesmo princípio divino. A divindade não está fora do mundo, mas no mundo.

O ponto central do debate iniciado por Bruno acerca da conformação do universo, dos elementos que o compõe, da passagem de uma cosmologia tradicional apoiada em uma concepção de mundo fechado e finito para uma descrição do universo infinito; da infinita causa (Deus) com o seu poder ilimitado de criar o ilimitado, tem como objeto a desconstrução da idéia de centro. Segundo Bombassaro, “no universo o centro não estaria em um ponto determinado mas em todos os pontos possíveis” (Bombassaro, 2007, p.37). O nosso planeta não está mais no centro do universo; o nosso mundo não é o único e por isso não está no centro do universo. Como existem inumeráveis mundo, não há um mundo que esteja no centro do universo. O centro indica que há elementos que orbitam em torno dele, que o sustenta. Sem um centro pré-definido “precisamente porque não está em nenhum lugar, pode estar em todo lugar ... pode-se falar de centro somente de maneira relativa” (Ordine, p. 72). Não ter um centro, não ter um único referencial significa que não há distinções entre os elementos grandes e pequenos que compõem o universo, todos são oriundos de um mesmo Deus criador, merecem a mesma atenção, seja grande ou pequeno. Não há o melhor e o pior



por natureza, há o melhor e o pior relativo a alguma coisa. Do mesmo modo pode se pensar o mundo humano, microcosmo, no qual se pode retirar a referência à autoridade, a um centro de poder que organiza ou desorganiza a sociedade? Até que ponto a idéia de centros é possível num mundo que não opera com a mesma harmonia, com a mesma perfeição pelo qual o universo é regido? Esta é uma questão que fazemos a Bruno.

Esta nova compreensão cosmológica, que não se restringe ao modelo geométrico e matemático, que Bruno a ultrapassa quando descreve o universo como sendo infinito e os mundos inumeráveis, somente é possível no ambiente filosófico, que pode criar e inventar regras, que permita ao homem se libertar de

grilhões daqueles oito, nove e dez moventes com seus motores. Conhecemos que não há mais que um céu, uma imensa região etérea, onde esses magníficos lumes mantêm suas próprias distâncias (...) e aprendemos a não procurar a divindade longe de nós, se a temos perto, inclusive dentro de nós, mais do que nós mesmos estamos dentro de nós” (Bruno, 2007, p 462.).

A crítica à cosmologia tradicional, o desvencilhar-se de “grilhões” que mantiveram o homem preso por séculos, aponta no projeto bruniano, para uma correspondência de mudanças nas concepções antropológicas e éticas, a partir da qual se possa pensar num novo homem e numa nova sociedade, mais justa, mais igualitária. Segundo Bombassaro, “os limites do mundo significavam também os limites do humano, a vitória da ignorância sobre o conhecimento, a vitória dos vícios sobre as virtudes” (Bombassaro, 2007, p.34)

## REFERÊNCIAS

BOMBASSARO, Luiz Carlos. *Giordano Bruno e a filosofia na Renascença*. – Caxias do Sul, RS: Educs, 2007.

BRUNO, Giordano. *Opere Italiane*. testi critici di Giovanni Aquilecchia, coordinamento generale di Nuccio Ordine – Torino: UTET Libreria, 2007. (Vol 1).

\_\_\_\_\_. *Sobre o Infinito, o Universo e os Mundos*. Tradução de Helda Barraco e Nestor Deola, —2.ed.—São Paulo: Abril Cultura, 1978. (Coleção Os Pensadores).

NEUSER, Wolfgang. *A infinitude do mundo: notas acerca do livro de Giordano Bruno Sobre*

o Infinito, o Universo e os Mundos. –Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995. (Coleção Filosofia; 28)

ORDINE, Nuccio. *O Umbral da Sombra*. Tradução Luiz Carlos Bombassaro. – São Paulo: Perspectiva; Nápoles: Istituto Italiano per gli Studi Filosofici; Porto Alegre: Instituto Brasileiro de Humanismo, 2006.